

THE HANDMAID'S TALE E THE CHILDREN OF MEN: BIOPODER E O CONTROLE DO CORPO FEMININO NOS ROMANCES E SUAS RESPECTIVAS ADAPTAÇÕES

Alice de Araujo Nascimento Pereira

Orientador: André Cabral de Almeida Cardoso

Doutoranda

RESUMO: As distopias comumente têm por objetivo problematizar questões contemporâneas, aumentando sua magnitude, evidenciando as fissuras na estrutura da sociedade, delineando “realidades descontínuas em relação à realidade empírica contemporânea” (CALVALCANTI, 2002, p. 256). Os romances distópicos *O conto da aia* de Margaret Atwood, publicado em 1985 e *The Children of Men* de P. D. James, publicado em 1992, são os objetos de estudo da nossa tese, assim como suas adaptações audiovisuais, o filme *Filhos da Esperança* de 2006 (*Children of men*, no original em inglês) e a série *The handmaid's tale* que já tem duas temporadas e tem uma terceira com previsão de estreia em abril de 2019, pois ambos lidam com uma questão bastante sensível no presente: o biopoder exercido sobre o corpo feminino. Segundo Michel Foucault, biopoder é: “o poder se situa e exerce no nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população” (1988, p. 129). Por sua capacidade reprodutora e por estarmos ainda em um contexto patriarcal, o corpo da mulher acaba sendo o *locus* de controle mais extensivo. Nessas narrativas essa dominação se torna mais violenta já que nelas a esterilidade ameaça o futuro da humanidade. Acreditamos que a adaptação possibilita o enriquecimento e (re)interpretação da obra ficcional, pretendemos discutir as questões de gênero, maternidade e biopoder, levando em consideração os contextos históricos em que as obras foram lançadas e o presente. Em ambas as obras literárias e suas adaptações, verificamos que embora a humanidade esteja iminentemente em risco de extinção e que nessas circunstâncias cada vida deveria assim ser considerada mais indispensável e preciosa, seu valor é mais relativizado, e cada um se vê numa posição extremamente vulnerável. Nosso embasamento teórico filosófico inclui Michel Foucault, Giorgio Agambem, Simone de Beauvoir e Adrienne Rich, sobre teoria da adaptação nos norteamos por Robert Stam e Linda Hutcheon, e da crítica literária estudamos Keith Booker, Tom Moylan e Gregory Claeys. Nosso objetivo é demonstrar o andamento da pesquisa até o momento e discutir seus rumos daqui em diante.

PALAVRAS-CHAVE: distopia; corpo; adaptação; poder.

A questão do poder, controle e resistência permeiam os enredos dos romances

distópicos, caracterizados por retratarem sociedades autoritárias em um futuro lúgubre. O que é o poder, como ele funciona e quais seus instrumentos? Como resistir frente às forças hegemônicas, seja de governos ou sistemas? Como o poder está ligado às questões de gênero e controle do corpo da mulher? Pretendemos neste artigo discutir os romances *O conto da aia* de Margaret Atwood e *The children of men* de P.D. James e suas adaptações, feitas respectivamente para plataforma de *streaming* e para o cinema, levando em conta as questões acerca de biopoder e controle do corpo feminino nestas obras.

Michel Foucault tem uma das teorias filosóficas mais relevantes acerca de poder. Para ele, o que existe são relações de poder, que são jogos estratégicos que fazem com que uns tentem determinar a conduta do outro, porém, estes se diferem dos jogos de dominação, que envolvem assimetria e coação. Margaret McLaren explica que para ele, o poder não “é unilateral, não é negativo e não é possuído por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos. O poder pode ser positivo e produtivo, é uma relação, não uma coisa” (2016, p. 14), pois para o filósofo poder e dominação não são sinônimos. As forças dominantes dos regimes retratados tentam controlar os corpos dos indivíduos pela ameaça à integridade física e psíquica e tentando homogeneizar a coletividade ao excluir simbólica e materialmente aqueles que não se conformam ou que desviam. Alienando os sujeitos pelo temor da vigilância e da violência física ou simbólica. Não obstante, tal controle nunca bem-sucedido em sua pretensão de ser absoluto. Podemos dizer que esses jogos de dominação agem sobre os corpos, mas de maneiras diferentes para corpos masculinos e femininos e isso é ressaltado ao analisarmos os romances de Atwood e James. Quando há controle do corpo, é nele que a resistência se manifesta e materializa.

O controle e disciplinarização dos corpos pode ser uma ferramenta do poder de um regime totalitário. Ele pode se dar pela ameaça ou violação da integridade física dos indivíduos, ou de maneira preventiva, inibindo a naturalidade dos comportamentos. Mas ele também se dá de maneira coletiva, no controle dos mecanismos da própria vida. Foucault afirma que: “velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 1988, p. 131), o que seria espontâneo se configura como instrumento do biopolítico. O que não significa dizer que a Ciência equivale à biopolítica, ou que não tenha interesses próprios ou um discurso homogêneo. Foucault argumenta que a pela primeira vez na história o biológico reflete no político, porém “não é que a vida tenha sido exaustivamente

integrada em técnicas que a dominem e gerem, ela lhes escapa continuamente” (FOUCAULT, 1988, p. 134).

Os romances de Atwood e James têm como premissa o declínio da taxa de natalidade que ameaça o futuro da humanidade, além de retratarem governos autoritários que resultam desta crise civilizacional, reorganizando as sociedades retratadas com o pretexto de amenizar ou solucionar esse desequilíbrio. Essa queda da natalidade acaba também gerando um maior controle sobre o corpo feminino, já que é nele que a reprodução ocorre. Logo, as questões de biopoder e da biopolítica permeiam esses enredos, bem como as de sexismo. O biopoder acarreta, segundo Giorgio Agamben “a crescente inclusão da vida natural do homem nos mecanismos e cálculos do poder” (1998, p. 76). Esse controle se dá pelos discursos, instituições e através da normalização de comportamentos, constitui-se dentro do contexto dos Estados-nação, transpassado pela ideologia do patriarcado, que constitui o Estado.

O conto da aia é uma distopia de sucesso, publicado em 1985. Nesse romance, os Estados Unidos entraram em colapso devido às consequências da devastação ambiental. Após conflitos internos surge em seu lugar a República de Gilead, um regime teocrático fundamentalista cristão, baseado nos valores do puritanismo do século XVII. As taxas de fertilidade caíram drasticamente, sendo assim, as mulheres ainda férteis, assumem o posto de aias nas casas dos Comandantes, os homens da elite do governo. A história é narrada pela aia Offred, uma mulher que foi separada de seu marido e de sua filha para servir como aia na casa dos Waterford. Com objetivo de gerar uma prole, as aias e os Comandantes devem ter relações sexuais num ritual mensal, na presença das Esposas. Se gerarem filhos, esses bebês serão criados pelas Esposas, as aias seguem para outros Comandantes. Tal ritual é inspirado por uma passagem bíblica que se encontra no livro da Gênesis, cujos versículos servem de epígrafe do romance. A série, produzida pelo serviço de *streaming*, Hulu, intitulada *The handmaid's tale* estreou 2017 e já teve duas temporadas, tendo sido renovada para uma terceira. A adaptação veio em um momento em que as discussões acerca conservadorismo, gênero, autoritarismo e tensões na relação entre política e religião em voga.

Nesta obra, o controle do corpo feminino se dá todo o tempo. A separação das mulheres em castas, diferenciadas por suas atribuições e posições, garantindo assim que cada indivíduo saiba como os outros devem se comportar e que lugar ocupam naquela sociedade estratificada. As Esposas sempre vestidas de azul, as Martas de verde e as Econoesposas de cinza. Mas as aias, especificamente, além das roupas vermelhas, usam toucas brancas e véus:

“as toucas (...) são destinadas a nos impedir de ver e de sermos vistas“ (ATWOOD, 2017, p. 16). Offred explica que elas são: “úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (2017, p. 165), assim os corpos das mulheres são despidos de identidade, valor e autonomia, sendo reduzidos à objetos ou partes despersonalizadas. As aias também devem fazer visitas periódicas ao ginecologista para garantir que estão com boa saúde e sua alimentação, aparência, banhos e exercícios também são controlados. O controle da linguagem também é refletido no corpo que deve deferência aos Comandantes e outros membros de Gilead. Há ainda as mulheres que por insurreição ou por infertilidade são enviadas as Colônias para limpar lixo tóxico, apenas seus corpos são úteis para determinada função, mas são descartáveis.

No entanto, para Thomas Horan o corpo também pode ser o local de resistência através da sexualidade. Para ele o desejo sexual é um traço que nunca pode ser totalmente apropriado e é uma força potencial para regeneração política dentro do estado totalitário (HORAN, 2007, p. 314). O mesmo parece se aplicar à obra de Atwood em que Offred tem um caso com Nick, motorista dos Waterford, e isso já é um ato de rebelião, uma micro-resistência dentro de um regime tão engessado. Começou porque Serena pediu a ela para ter relações sexuais com ele, pois ela supunha que seu marido não era capaz de conceber, mas a aia começa a procurá-lo sem o conhecimento da Esposa: “Não havia razão para isso, não havia nenhuma desculpa. Não o fiz por ele, e sim inteiramente por mim mesma” (ATWOOD, 2017, p. 316). Já na série, esse caso entre eles gera uma filha o que acaba levando a protagonista a tentar escapar do regime, porém ela não é bem-sucedida. Ao ser recapturada, a ameaçam de mantê-la acorrentada à uma cama durante toda a gestação e ser condenada à morte após o parto caso não obedeça às regras estabelecidas para as aias. O corpo é também lócus do castigo pela desobediência.

Assim como pode ser visto no último episódio da primeira temporada intitulado *Night* (THE..., 2017, cap. 10) em que Offred (Elizabeth Moss) contraria publicamente a ordem dada por Tia Lydia (Ann Dowd) de apedrejar outra aia, Janine (Madeline Brewer), pois essa havia tentado se matar junto com seu bebê, e as outras aias também se recusam. O castigo é tanto para a mulher que infringiu a lei quanto para evitar que outras o fizessem e ainda participassem dela em matar uma das suas.

Já em *The Children of Men*, da escritora P.D. James, não foi traduzido para o português. Nele, o historiador Theo Faron narra um futuro em que ninguém nasce há vinte e

cinco anos, e o sentimento de desesperança prevalece. Nesse momento, a Grã-Bretanha é governada por um ditador, Xan Lypiad, primo de Theo. Porém uma aluna dele, Julian, o aborda para que use sua influência com Xan para modificar certas políticas autoritárias de seu governo. Ela faz parte de um pequeno grupo de oposição, *the Five fishes* (os Cinco peixes), formado seu marido Rolf, a ex-parteira Miriam, o padre, Luke, e o motorista de caminhão, Gascoigne. Quando Julian, que tem uma deficiência física, revela que está grávida de seu marido, ela, Theo e o grupo tentam escapar antes que o bebê caia nas mãos de um governante manipulador e inescrupuloso. O filme foi lançado em 2006 com o título de *Children of men/Filhos da esperança* e fez diversas modificações na narrativa. O roteiro e a direção são de Alfonso Cuarón. Na versão, Julian é ex-mulher de Theo e também uma das líderes da Resistência que faz oposição ao ditador no comando da Inglaterra. Porém não é ela quem está grávida e sim Kee, uma imigrante africana, solteira e negra. Porém, o grupo de rebeldes mata Julian, pois querem pegar o bebê de Kee e usá-lo como estopim para uma revolta contra Xan. Eles querem matar ela e Theo. Após essa traição por parte daqueles que prometeram protegê-la, Theo e Miriam tentam levar Kee até um barco grupo da Resistência denominado *The human Project*, que supostamente irá ajudar ela e seu bebê a ficarem em segurança. Para eles, Julian é um peão em um jogo maior e corpo de Kee é apenas um receptáculo, ambas são apenas temporariamente úteis, seus corpos são descartáveis.

Na Inglaterra de 2021 de James, há um programa obrigatório de teste de sêmen, mas há também exames ginecológicos compulsórios para verificar fertilidade, os *Fishes* pedem Theo para interceder e fazer um apelo para acabar com esses testes humilhantes. Julian não era testada por ter uma mão deformada. O filho que ela esperava não era de seu marido, Rolf, mas sim de Luke, que também não fazia os testes, pois havia sofrido de epilepsia na infância. “Como Julian, Luke era um rejeitado” (JAMES, 1993, p. 188), para o regime não havia valor nas pessoas fora do padrão de “normalidade” e perfeita saúde. O biopoder usa das circunstâncias para anular a autonomia dos sujeitos, mas também para anulá-los como parte da humanidade que desejavam perpetuar. Entretanto, Xan e o Estado parecem mais atentos aos rituais de morte do que à possibilidade de vida e de um bem viver. Um evento significativo é quando o *Quietus*, prática de suicídio coletivo de idosos. Theo assiste a uma só de mulheres, e testemunha quando uma delas tenta desistir. Ela pula na água e tenta nadar até a areia, porém um guarda a golpeia. Um suicídio se torna um assassinato. Parece significativo que sejam somente mulheres naquele barco e que um agente do estado a mate após ela ter

desistido. Além disso, os corpos envelhecidos precisam ser eliminados porque na distopia não se toleram os corpos deficientes ou incapazes (MARQUES, 2013, p. 41). Esse genocídio dos idosos acontece não só para destruir os corpos envelhecidos, mas também para apagar qualquer traço deles, apagando-os do novo projeto de um contínuo histórico, e afogando-os exatamente no elemento que simboliza a vida (MARQUES, 2013, p. 42).

Há também um processo de exclusão e precarização da vida daqueles que não se submetem ou que subvertem o sistema, independente do gênero. Theo, inicialmente afirma que tudo que as pessoas querem do governo é proteção, conforto e prazer, porém Julian o confronta dizendo que o Estado pode se preocupar com justiça (JAMES, 1993, p. 60). Então, Miriam narra como seu irmão, um homem negro, foi para a Colônia penal por assalto. É para lá que mandam todos os tipos de criminosos, porém não há supervisão, nem administração de recursos, apenas abandonam os prisioneiros que acabam formando gangues e matando uns aos outros ou morrendo de fome ou recorrendo até ao canibalismo (JAMES, 1993, p. 63). Para o grupo, o governo deve permitir mais democracia para a população. Na adaptação para o cinema, esse trecho é subtraído, porém retratam campos de refugiados que tentam chegar à Inglaterra onde acreditam que terão alguma segurança e meios para sobreviver. No entanto o local é semelhante à descrição que James faz da ilha onde é a Colônia Penal. O campo fica no limite: não é dentro das fronteiras nacionais, mas fica próximo ao litoral, no limiar com o exterior. Também é lá que Kee dá a luz, tendo Theo como seu parceiro, em meio ao caos, sujeira e no limbo: fora do regime, mas ainda dentro dele. Então nasce uma menina, não um menino como no romance.

O que podemos constatar nesses romances e suas adaptações é que ao romper laços comunitários e afetivos num momento de desalento coletivo o biopoder torna-se mais incisivo, extensivo e tentacular. A resistência a ele se fragmenta, se desorganiza e se fragiliza. Em ambas as obras literárias e suas adaptações, verificamos que embora a humanidade esteja iminentemente em risco de extinção e que nessas circunstâncias cada vida deveria assim ser considerada mais indispensável e preciosa, seu valor é mais relativizado, e cada um se vê numa posição extremamente vulnerável. Mas em relação às mulheres o biopoder é aliado à coerção por parte da classe dominante e até da resistência, e o corpo das mulheres se torna o lugar da procriação forçada, da violência, da punição, dos interesses dos jogos de dominação. A deterioração do valor da vida humana e especialmente o valor da vida das mulheres, bem como os direitos reprodutivos estão presentes em debates atuais e se encontram entrelaçados

nos romances e adaptações analisadas, colocando-os sob uma nova luz.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life*. Kindle edition. Stanford, CA: Stanford UP, 1998.

ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: editora Rocco. 2017

CAVALCANTI, Ildney. “A distopia feminista contemporânea: um mito e uma figura.” In: *Boletim do GT da ANPOLL: ‘A Mulher na Literatura’*. Vol. 9. Florianópolis: UFSC, 2002

CHILDREN OF MEN. Direção: Alfonso Cuarón. Estados Unidos e Reino Unido. Universal Studios. 2006. (1:49:04). Colorido

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro. 1988

HORAN, Thomas. “Revolution from the waist downwards: desire as rebellion in Yvegeny Zamyatin’s *We*, George Orwell’s *1984*, and Aldous Huxley’s *Brave new world*”. *Extrapolation*. Bromsville, vol2, no 48, pp. 314-339. 2007.

JAMES, P.D. *The children of men*. Nova York: Alfred A. Knopf. 1993

MARQUES, Eduardo. “I Sing the Body Dystopic: Utopia and Posthuman Corporeality in P.D. James’s *The Children of Men*”. *Ilha do Desterro* Florianópolis, no 65, pp- 29-48. 2013.

MBEMBE, Achille. “Necropolítica” Em: *Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto*. Tradução e edição de Elisabeth Falomir Archambault. Madri: editora Melusina. 2011.

McLAREN, Margaret A. *Foucault, feminism e subjeitividade*. (Tradução: Newton Milanes). São Paulo: Intermeios. 2016

THE HANDMAID’S TALE. Direção: Mike Barker et, al. Toronto (Canadá) e Cambridge (EUA). MGM Television/ Hulu. 2017. Colorido